

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**ALINE HENRIQUE FERRAZ DOS SANTOS**

**O TELEJORNAL ESCOLAR COMO FERRAMENTA  
PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO  
ORAL DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Porto Alegre  
2019**

**ALINE HENRIQUE FERRAZ DOS SANTOS**

**O TELEJORNAL COMO FERRAMENTA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO ORAL DE  
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):**

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia Zank

**Porto Alegre  
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof<sup>a</sup>. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro Krug Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha existência.

Ao Mestre Raumsol por sua Obra em prol da humanidade.

Aos meus familiares e amigos em seus auxílios constantes que permitiram todos os meus triunfos.

Aos meus queridos alunos do 7ºA que corresponderam a todos os esforços realizados nesta pesquisa.

À Professora Cláudia Zank por sua paciência, respeito e ética, aspectos fundamentais na construção deste trabalho.

Enfim, a todos que me incentivam numa superação constante em todos os aspectos da minha vida.

## RESUMO

Este trabalho oportunizou a criação de um telejornal escolar como ferramenta de contribuição para o desenvolvimento da expressão oral de alunos matriculados no 7º ano, em uma escola pública, localizada na cidade de Porto Alegre. Os pressupostos teóricos partiram do conceito de Gênero do Discurso proposto por Bakhtin (2010) realizado por meio da organização de uma sequência didática (Schneuwly e Dolz, 2004), visando que a prática escolar fosse norteada por uma concepção interativa, social e histórica. O objetivo geral desse estudo foi analisar de que maneira a construção de um telejornal, nas aulas de língua portuguesa, contribui para o desenvolvimento da expressão oral em alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. A metodologia, por sua vez, foi fundamentada em uma pesquisa-ação na qual os participantes foram convidados a vivenciar práticas que envolveram a leitura e produção de textos orais e escritos, além do domínio de ferramentas tecnológicas que permitiram a construção de um telejornal. A análise de dados privilegiou observações referentes à apropriação do gênero telejornal, o desenvolvimento de capacidades de linguagem e o uso de recursos tecnológicos em prol do processo de ensino e aprendizagem. As observações construídas a partir dos objetos de estudo evidenciaram que o trabalho com o gênero telejornal, pautado pela teoria de gêneros do discurso, contribuiu para o desenvolvimento da exposição oral desses alunos, assim como para a motivação do uso das mídias como ferramenta educacional.

**Palavras-chave:** Gêneros do Discurso, Telejornal, Exposição oral, Capacidades de linguagem.

## ABSTRACT

This study allowed the creation of a school television news program as a tool to contribute to the development of oral expression in 7th grade students, in a public school, located in Porto Alegre. The theoretical assumptions were based on the concept of Discourse Genre proposed by Bakhtin (2010) through the organization of a didactic sequence (Schneuwly and Dolz, 2004), aiming at the school practice was guided by an interactive, social and historical conception. The general objective of this study was to analyze how the construction of a television news program, in the Portuguese language classes, contributes to the development of oral expression in students in the final years of Elementary School. The methodology, in turn, was based on an action-research in which the participants were invited to experience practices that involved the reading and production of oral and written texts, as well as the mastery of technological tools that allowed the construction of a television news program. Data analysis focused on observations concerning the appropriation of the television news genre, the development of language abilities and the use of technological resources in favor of the teaching and learning process. The observations that were constructed from the objects of study showed that the work with the television news genre, guided by the theory of discourse genres, contributed to the development of the oral exposition of these students, as well as to the motivation of the use of the media as an educational tool.

**Keywords:** Discourse Genre, Television news program, Oral exposition, Language skills.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alunos do 7º ano, trabalhado em grupos para a formulação das notícias do telejornal. ....	38
Figura 2 - Alunos do 7º ano, trabalhando em grupos para a formulação das notícias do telejornal. ....	38
Figura 3 - Alunos do 7º ano trabalhando em grupos para a formulação das notícias do telejornal. ....	39
Figura 4 - Alunos do 7º ano trabalhando em grupos na elaboração e digitação do roteiro do telejornal. ....	39
Figura 5 - Aluno do 7º ano realizando uma prática de leitura diante da turma .....	40
Figura 6 - Aluna do 7º ano sendo aplaudida pelos colegas, após realizar uma prática de leitura.....	41
Figura 7: Alunos apresentadores realizando a leitura do roteiro e exercitando fatos prosódicos como entonação, acentuação e ritmo em adequação ao gênero telejornal .....	41
Figura 8 - Alunas realizando a leitura do roteiro e exercitando fatos e exercitando fatos prosódicos como entonação, acentuação e ritmo em adequação ao gênero telejornal .....	42
Figura 9 - Aluno repórter, no mês de outubro, demonstra dificuldades de domínio do texto, da postura e ausência do olhar diante do entrevistado .....	42
Figura 10 - Aluno repórter no mês de novembro, demonstra apropriação do texto , da postura e ausência do olhar diante do entrevistado .....	43
Figura 11 - Aluno repórter em fase inicial de ensaios, ainda sem o domínio da posição e do olhar frente ao entrevistado .....	43
Figura 12 - Aluno repórter já com o domínio da posição e do olhar perante o entrevistado. ....	44
Figura 13 - Vestimenta dos apresentadores durante os primeiros ensaios do telejornal.....	44
Figura 14 - Mudança de vestimenta dos apresentadores em adequação ao gênero telejornal. ....	45
Figura 15 - Espaço físico onde foram realizados os ensaios das chamadas. ....	45
Figura 16 - Espaço físico onde foram realizadas as gravações das chamadas. ....	46

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Níveis de abordagem de gêneros orais ou escritos.....	18
Quadro 2 - Meios Não-Linguísticos da Comunicação Oral .....	19
Quadro 3 - Características evidentes do Telejornalismo .....	27

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum
EO	Exposição Oral
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
TV	Televisão
JN	Jornal Nacional
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
VT	<i>Vídeo tape</i>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>GÊNEROS DO DISCURSO/TEXTUAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA</b> .....	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>ORALIDADE</b> .....	<b>16</b>
<b>3.1</b>	<b>O trabalho com a oralidade na escola</b> .....	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>O PAPEL DAS MÍDIAS NAS PRÁTICAS ESCOLARES</b> .....	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>O TELEJORNAL</b> .....	<b>26</b>
<b>5.1</b>	<b>O Telejornal na escola</b> .....	<b>28</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>31</b>
<b>6.1</b>	<b>Descrição Metodológica</b> .....	<b>32</b>
6.1.1	Composição da Sequência Didática .....	33
6.1.1.1	Introdução .....	33
6.1.1.2	Apresentação da Sequência Didática .....	33
6.1.1.3	Produção Inicial .....	33
6.1.1.4	Módulo I – Leitura e Escrita .....	34
6.1.1.5	Módulo II – Telejornal.....	34
6.1.1.6	Módulo III – Prática da Oralidade .....	34
6.1.1.7	Módulo IV – Prática da Oralidade/ Edição.....	35
6.1.1.8	Produção Final .....	35
<b>7</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA COM TELEJORNAL</b> .....	<b>36</b>
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>54</b>
	<b>APÊNDICE – (TERMO DE CONSENTIMENTO)</b> .....	<b>56</b>
	<b>ANEXO A &lt; ROTEIRO DO TELEJORNAL &gt;</b> .....	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende discorrer sobre a construção de um telejornal, em sala de aula, visando o desenvolvimento da expressão oral de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Com o avanço da ciência é necessário adaptar-se a um mundo de mudanças. Logo, a comunicação ganha contornos cada vez maiores na vida cotidiana das pessoas, de maneira que constantemente exige adaptação às ferramentas criadas com o intuito de suprir necessidades de toda ordem.

Diante dessa realidade, o ambiente escolar não pode estar alheio a essas transformações. É necessário introduzir o uso das mídias, objetivando uma contribuição para o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e propiciando maior autonomia frente às inúmeras situações por eles vivenciadas.

Presencia-se, sobretudo em escolas públicas, o escasso estímulo ao uso de recursos digitais. Por diversas vezes, as salas de informática não são utilizadas por falta de manutenção de equipamentos, projetores armazenados, aparelhos para reprodução de áudio sem uso, falta de capacitação dos professores, entre outros fatores.

A escola parece trabalhar como se o mundo fosse o mesmo de décadas atrás. Exemplificando esse fato de modo mais recente, tem-se o uso do celular, uma ferramenta repleta de recursos, mas que tem se tornado um grande inimigo dos professores. Como exemplo dessas práticas que excluem esse recurso tecnológico, destaca-se o estado do Rio grande do Sul, que inclusive conta com amparo de uma legislação específica, Lei nº 12.884, de 03 de janeiro de 2008, no qual proíbe seu uso em sala de aula. No tocante ao uso do celular, estas observações corroboram com os estudos realizados por Silva *et al* (2017, p. 89), quando afirma que

O que se observa é a resistência por parte dos professores em utilizar-se dessas tecnologias, principalmente, por ser algo inovador, a maioria dos professores têm o receio de “perder” o controle da aula.

Diante de tais experiências, é preciso repensar as práticas educacionais na contemporaneidade. Cabe à escola a função de introduzir essas discussões a fim de que os docentes possam não só capacitar-se nos usos desses recursos digitais, mas, sobretudo, estender esse debate à compreensão de como os alunos têm se relacionado com a tecnologia

atualmente, assim como, pensar de que maneira o uso desses recursos pode contribuir para uma formação integral.

A produção de um telejornal envolve trabalhar com gêneros textuais diversificados, além de favorecer o contato com um dos principais veículos de comunicação presente na sociedade moderna. Ao relacionar essa produção com o propósito comunicativo da construção de uma exposição oral, cria-se um amplo campo experimental, no qual o trabalho com a oralidade ganha contornos de planejamento, ação e aperfeiçoamento que vão desde o preparo sobre o que vai se falar, passando pelo como, por que e para quem vai dirigida essa palavra. O uso das mídias para pesquisa, planejamento, gravação e edição desse tipo de programa é um trabalho multidisciplinar que contribui para reflexões que podem abarcar, desde a construção do gênero, até uma mais visão crítica sobre a realidade em que vive.

De maneira que o foco desta pesquisa está delimitado à construção de um projeto de elaboração de um telejornal, com vistas ao desenvolvimento da exposição oral, condizente com o gênero proposto, a fim de que essa prática incida no processo formativo de alunos do 7º ano, do Ensino Fundamental, que frequentam uma escola pública, no município de Porto Alegre/RS.

O projeto será organizado a partir da seguinte questão de pesquisa: Como a construção de um telejornal escolar pode contribuir para o desenvolvimento da expressão oral em alunos dos anos finais do ensino fundamental?

Compondo a investigação delineada no problema, o objetivo geral da pesquisa é analisar como a construção de um telejornal, nas aulas de língua portuguesa, pode contribuir para o desenvolvimento da expressão oral em alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. A base teórica para o estudo está ancorada no conceito de gêneros discurso, proposto por Bakhtin (2010), e em estudos relacionados a aplicação dos gêneros nas aulas práticas escolares. Em conformidade com essa configuração, a metodologia proposta se configura em uma *pesquisa-ação*, com base em Thiollent (1985), contribuindo para a formação dos alunos participantes, assim como da profissional docente que assume tal pesquisa-ação.

Tendo em vista o escopo teórico, o estudo organiza-se da seguinte forma: no primeiro capítulo discorre-se teoricamente sobre os gêneros do discurso, ressaltando a exposição oral. No capítulo seguinte, aborda-se o papel da mídia nas práticas escolares, tendo como norte o uso do telejornal como recurso digital na construção de um projeto com a oralidade. Já no terceiro capítulo, apresenta-se os procedimentos metodológicos a serem utilizados na ação, além descrever dos instrumentos utilizados, complementando com a análise dos dados, a partir das perspectivas teóricas já mencionadas.



## 2 GÊNEROS DO DISCURSO/TEXTUAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Pensar no trabalho com gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa requer uma revisão de conceitos, no sentido de tomar a língua como interação (GERALDI, 1999), ou seja, as aulas não podem se reduzir ao simples ato mnemônico do conteúdo, mas devem proporcionar aos alunos o acesso a várias práticas sociais. De modo que o tratamento adotado nesse estudo considera que é no trabalho com os gêneros que essa realidade se concretiza.

Bakhtin (2010, p.262) afirma que os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” que refletem cada campo da atividade humana. De modo que para compreender a natureza do enunciado é preciso distinguir os gêneros primários dos secundários, bem como as finalidades e condições específicas de cada campo da atividade humana, por meio de seu conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional (BAKHTIN, 2010).

Os gêneros primários ou simples são formados na comunicação discursiva imediata e integram os gêneros secundários, quando estes perdem seu vínculo imediato com a realidade. Já os gêneros secundários ou complexos são formados a partir de condições de um convívio cultural, mais complexo e relativamente mais desenvolvido e organizado nos âmbitos artístico, científico e sociopolítico, sendo predominantemente escritos e possuindo a capacidade de incorporar e reelaborar os gêneros primários. Bakhtin (2010, p. 272) ainda assinala que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada por outros enunciados” e, portanto, a real unidade de comunicação discursiva.

Segundo José Luiz Fiorin (2017), importante estudioso dos escritos do Círculo de Bakhtin<sup>1</sup>, o propósito do estudo dos gêneros não é meramente teórico, visto que o processo de produção do gênero o vincula ao uso da linguagem nas atividades humanas. Partindo desse princípio, destaca os gêneros do discurso/textuais como importantes ferramentas para o ensino de Língua Portuguesa, pois permitem a relação entre a vida e discursos historicamente construídos (FIORIN, 2017). Ao afirmar que a língua penetra na vida através dos enunciados e vice-versa, Bakhtin (2010) oferece um mecanismo para pensar no ensino, voltado para realidade do educando.

---

<sup>1</sup> Grupo de estudos científicos e filosófico formado por estudiosos russos de diversas áreas do conhecimento, cujo líder intelectual foi Mikhail Bakhtin.

Para Marcuschi (2002), os gêneros textuais não são rígidos ou meros instrumentos que limitam a ação criativa dos seres, pelo contrário, sua plasticidade e dinamismo permitem que se adéquem às necessidades socioculturais e inovações tecnológicas. Pode-se citar, a modo de exemplificação, o uso da carta que, atualmente, tomou outras formas, tais como o e-mail ou mensagens eletrônicas. Comumente denominados gêneros emergentes, “possibilitam a redefinição de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como, por exemplo, a relação entre a oralidade e a escrita, desfazendo ainda mais suas fronteiras” (MARCUSCHI, 2002, pág. 20). Schneuwly e Dolz (2004) apresentam os gêneros textuais como integrantes das situações de comunicação e instrumentos eficazes para o ensino e aprendizagem da língua.

### 3 ORALIDADE

Há décadas tem sido discutida a posição e a função do trabalho com os gêneros orais na escola. De acordo com Bentes (2010), esses estudos têm se baseado em várias teorias sobre a linguagem, desenvolvidos tanto no país quanto no exterior. No entanto, a autora ressalta que os docentes ainda não têm clareza quanto aos princípios teóricos-metodológicos que devem nortear o trabalho com a oralidade, além de apresentarem dificuldades em construir práticas pertinentes para esse processo (BENTES, 2010).

Marcuschi (2002, p. 25-26) define a oralidade como “uma prática social para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais, fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal, nos mais variados contextos”. De acordo com Dolz, Schneuwly e Haller (2004), a presença da linguagem oral nas escolas, na maioria das vezes, está relacionada à leitura de instruções, correção de exercícios ou apresentações de trabalhos, mas não como um objeto de ensino. Esses autores enfatizam que a exposição representa “um instrumento privilegiado de transmissão de diversos conteúdos” (Dolz *et al*, 2004, p.184), pois permite que o aluno tenha contato com fontes de informações variadas e as selecione de acordo com o tema e o objetivo a ser alcançado. Além disso, trabalhar com oralidade implica em desenvolver um propósito comunicativo em que o torna gradualmente capaz de enfrentar situações que o colocam em uma posição de especialista.

#### 3.1 O trabalho com a oralidade na escola

O desenvolvimento de um trabalho com a oralidade na escola é um dos aspectos essenciais para a formação dos alunos, por isso é necessário criar um ambiente que favoreça o debate, o respeito mútuo e desenvolva ações que levem ao domínio da expressão oral. A orientação advinda da Base Nacional Curricular Comum é de que o trabalho na escola seja embasado no conhecimento e domínio gradual, cada vez mais aprofundado, dos gêneros textuais. No que se refere à oralidade, o documento especifica que

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game,

contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais. (BNCC, 2018, p.77)

O papel da escola, portanto, é de imensa responsabilidade, pois significa contribuir efetivamente para a promoção plena do exercício da cidadania. Pensando nesse exercício e em sua relação com as práticas de linguagem na formação do indivíduo, a Base Nacional Curricular Comum assinala que é por meio dessas práticas que se criam condições de interação sobre os fatos que ocorrem no mundo. Como resultado dessas práticas, os estudantes podem desenvolver a capacidade de opinar sobre esses acontecimentos, propor pautas, discussões ou soluções para os problemas que observa, abrindo espaço para a construção de recursos para atuar ativamente na vida pública (BNCC, 2018).

Para DOLZ *et al.* (2004, p. 18) a exposição oral é “um gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhes transmitir informações, descrever ou explicar alguma coisa”. De modo que a oralidade, tomada como objeto de ensino no contexto escolar, sofre adaptações, ou seja, converte-se em ponto de referência para uma prática de linguagem, em parte fictícia, pois está adaptada a um contexto com fins de aprendizagem.

No âmbito escolar, a exposição oral, doravante EO, é uma atividade frequente e muito utilizada como meio para avaliação. Todavia, o que se percebe nas práticas escolares é que geralmente cabe ao próprio aluno lançar-se nas experiências com a oralidade, sem uma preparação prévia e adequada, movido tão somente pelo cumprimento dos trabalhos escolares em que a EO é exigida. De maneira que se converte em uma prática ameaçadora e, raramente pautada por um trabalho didático, em direção à capacitação gradual e progressiva dos estudantes. Faz-se necessário, portanto, propiciar o domínio do gênero EO, ou seja, convertê-lo em objeto de ensino em favor da prática social (DOLZ *et al.*, 2004).

Sendo um gênero bipolar<sup>2</sup>, a EO pode ser encarada em várias fases que vão desde a coleta e seleção de informações iniciais sobre um tema e seu planejamento, a antecipação de situações que podem aparecer ao longo da exposição, além de contemplar o público ao qual a exposição será destinada. Sob essa ótica, a figura do especialista<sup>3</sup> é tomada como a

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Dolz, L.; Sheneuwly, B.; De Pietro, J-F. e Zatind (2004) que significa a reunião entre o orador ou expositor e seu auditório.

<sup>3</sup> O termo especialista designa uma condição indispensável para que a própria ideia de transmitir um conhecimento para um auditório tenha sentido. (Dolz, L.; Sheneuwly, B.; De Pietro, J-F. e Zatind, 2004)

representação daquele que se prepara para dominar algum ramo do conhecimento, buscando elucidá-lo para um determinado público que espera aprender algo novo ou ampliar conhecimentos já adquiridos.

É importante ressaltar que a EO está diretamente relacionada às práticas de escrita, posto que o aluno estará trabalhando com informações de fontes variadas, compreendendo e fazendo a seleção daquilo que mais atenderá ao objetivo da exposição, assim como sua explanação deverá ser pautada por um planejamento que contemple desde a fase de abertura até o encerramento do discurso. De modo que a concepção de gêneros orais deve ser a norteadora dessas práticas, pois ao ser tratado como um objeto isolado ou vinculado estritamente à escrita, a oralidade acaba por se restringir à espontaneidade ou à uma idealização baseada em normas de uma escrita padrão, resultando, portanto, irreal.

Um dos objetivos principais no trabalho com a oralidade na escola deve ser direcionado à aquisição de capacidades de linguagem. Essas capacidades são efetivadas por meio da apropriação que, por sua vez, envolve práticas e atividades de linguagem. Enquanto a última é formada por ações orientadas que visam a produção, compreensão, interpretação ou memorização de enunciados, as práticas de linguagem permitem o desenvolvimento da consciência do aluno em relação a esses processos, promovendo a cooperação social e permitindo reflexões sobre as transformações e os progressos ocorridos (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

Na escola, quando os gêneros do discurso/textuais são encarados numa concepção bakhtiniana de linguagem e referenciam o trabalho com a oralidade, assumem um papel primordial no ensino e oferecem um parâmetro efetivo para os alunos, pois proporcionam a análise e a organização do conteúdo, de suas unidades linguísticas e de suas características específicas. O conceito de gênero como objeto de ensino e suporte para atividades de linguagem contemplam quatro níveis na produção de textos escritos ou orais, sendo eles: apresentação da situação de comunicação, elaboração de conteúdos, planejamento e realização do texto, definidos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), como demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 1 - Níveis de abordagem de gêneros orais ou escritos

<b>Apresentação da situação de comunicação</b>	Aprender a construir a imagem do destinatário e de sua própria posição de autor adequando-se à finalidade do gênero.
<b>Elaboração de conteúdos</b>	Compreender os mecanismos de pesquisa, elaboração e criação de conteúdos em função do gênero pretendido.

<b>Planejamento do texto</b>	Estruturar o texto de acordo com o destinatário e sua finalidade.
<b>Realização do texto</b>	Escolher os recursos linguísticos mais apropriados para organizar o texto.

Fonte: Autora, baseada em Schneuwly, Dolz *et al* (2004)

Pensar na oralidade como objeto de ensino, mediado pelo estudo de um gênero do discurso/textual, promove a busca de textos adequados e o acesso a práticas de linguagem que dificilmente os alunos poderão dominar sem um processo de intervenção didática (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). De maneira que Bakhtin (2010) acentua a relação das atividades humanas ao uso da linguagem, sendo que a principal característica da língua é ser dialógica. Essa concepção coloca em evidência as ideias de autoria e produção de discursos, situando o sujeito como integrante do processo comunicativo, pois, nessa interação, sua palavra é constantemente influenciada pela palavra do outro. Sendo assim, a relação tempo e espaço é, ao mesmo tempo, interativa e constitutiva de uma relação que passa a existir a partir do olhar do outro.

A comunicação oral é composta de recursos linguísticos ou prosódicos, de signos e de sistemas semióticos e sua perspectiva central deve ser a tomada de consciência e de controle de recursos extralinguísticos, como caracterizados no quadro a seguir.

Quadro 2 - Meios Não-Linguísticos da Comunicação Oral

MEIOS PARA-LINGUÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
qualidade da voz	atitudes corporais	ocupação de lugares	roupas	lugares
melodia	movimentos	espaço pessoal	disfarces	disposição
elocução e pausas	gestos	distâncias	penteados	iluminação
respiração	troca de olhares	contato físico	óculos	disposição das cadeiras
risos	mímicas faciais		limpeza	ordem
suspiros				ventilação
				decoração

Fonte: Schneuwly e Dolz, 2004, p. 134

Na construção do oral como objeto de ensino, Schneuwly e Dolz (2004) apontam para o uso da palavra como diretamente relacionado ao corpo. Ele transmite sensações muitas vezes imperceptíveis para quem observa, porém reais para quem as sente. O medo, a sensação de boca seca, o coração disparado são alguns exemplos que demonstram essas reações

involuntárias. Dentre essas resistências, destaca-se as provocadas pela timidez ou inibição, sendo um fator de grande relevância, por constituir-se, por vezes, em um grande obstáculo no trabalho com a oralidade em sala de aula. Nesse sentido, o pedagogo e humanista González Pecotche (1999), em sua obra *Deficiências e Propensões do Ser Humano*, afirma que a inibição é “consequência da falta de confiança em si mesmo” e que é necessário que pais e educadores combatam, ainda na infância e na adolescência, esse “complexo de temor e covardia que é a inibição, ou impedir sua aparição”, (GONZÁLEZ PECOTCHE, 1999, p. 70). Realizar um trabalho pedagógico nessa direção, poupa ao ser adulto uma série de dificuldades que poderão ser evitadas, ao liberar estas crianças e jovens de semelhante opressão (GONZÁLEZ PECOTCHE, 2010).

Das inúmeras técnicas apresentadas pelo autor para combater esse complexo, uma delas propõe “agilizar a mente com o estudo, prática e conhecimento da atividade que desenvolvem os pensamentos dentro do próprio campo mental” (GONZÁLEZ PECOTCHE, 1999, p. 71). Esse exercício permite que se construa o próprio valor e traz, por consequência, uma maior facilidade de expressão. De modo que aprender a posicionar-se, respirar adequadamente, adquirir domínio de seu campo mental e transmitir a palavra com segurança deve ser fruto de um trabalho pedagógico que favoreça o uso da comunicação oral.

Associando o exposto às novas tecnologias que estão diretamente inseridas no cotidiano da maioria dos jovens, abre-se a possibilidade de tomá-las também como possíveis instrumentos de apoio no processo de aprendizagem e desenvolvimento de nossos alunos. Referindo-se ao uso de mídias nas aulas de Língua Portuguesa, Machado e Oliveira (sd, pág. 02) afirmam que

[...] a utilização das mídias aplicadas ao ensino da LP, além de proporcionar ao estudante o ensino específico da disciplina em questão, ele irá entender a importância do uso das mídias para a percepção auditiva, comunicativa e visual. Isso se torna capaz através da produção de trabalhos que envolvam a criação de textos orais e escritos que busquem a socialização e a imaginação do educando com os recursos midiáticos.

De modo que a escola dever considerar a utilidade de explorar os recursos tecnológicos que sejam mais propícios para contribuir na construção da linguagem oral, pois podem ser amplamente colaboradoras desse processo. Sendo assim, optou-se pelo gênero telejornal neste projeto, a fim de explorar as inúmeras possibilidades de ferramentas tecnológicas envolvidas em sua construção. Tal proposição caminha na direção de incentivar os alunos participantes da pesquisa a uma experimentação criativa e crítica de uma produção

audiovisual, favorecendo a apropriação e o aprimoramento de atitudes discursivas que correspondem a ordem da exposição oral e que, certamente, incidirão positivamente em seu processo formativo.

#### 4 O PAPEL DAS MÍDIAS NAS PRÁTICAS ESCOLARES

Abordar o uso das mídias no espaço escolar suscita inúmeras reflexões. Dentre elas, destacam-se: a presença da tecnologia na vida cotidiana das pessoas; o modo como a escola tem incorporado o uso da tecnologia em suas práticas; e ainda, os conhecimentos técnicos e pedagógicos necessários para que o uso das mídias, nas práticas escolares, ganhe contornos mais relevantes e contribua para o processo de ensino e aprendizagem dos nossos alunos. A partir dessas reflexões, objetiva-se ampliar a visão acerca desse tema.

Em primeiro lugar, será analisada a presença da tecnologia na vida das pessoas, pensando, especialmente, que os alunos estão inseridos em um contexto maior. Nesse sentido, Kenski (2012) aponta que a tecnologia integra a vida das pessoas nas ações mais simples, de modo que “nossas atividades comuns – como dormir, comer, trabalhar, ler, conversar, deslocar para diferentes lugares e se divertir – são possíveis graças às tecnologias que temos acesso” (KENSKI, 2012, p. 18). Equipamentos, utensílios e a grande maioria dos objetos que se faz uso no dia a dia foram projetados e construídos por meio da ciência.

O termo tecnologia pode ser definido, de acordo com (KENSKI, 2012, p. 18) como “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”. Nessa perspectiva, a autora também analisa o momento tecnológico em que a sociedade vive no acesso cada vez mais amplo à informação e no uso massivo de plataformas de comunicação. Esses novos paradigmas têm alterado a vida das pessoas e, por conseguinte, a maneira como aprendem.

Complementando o exposto, cabe ainda ressaltar que as tecnologias não podem ser limitadas a produtos e equipamentos. Kenski (2012), faz referência às tecnologias da inteligência que atuam como suporte para que determinadas ações ocorram, destacando o papel da linguagem oral, da escrita e da digital que demonstram seu uso em aspectos preponderantes das experiências humanas. As tecnologias denominadas de comunicação e informação, presentes em veículos como jornais, rádios e televisão, contribuem para a ação comunicativa de difundir informações, em tempo real, e conectando várias partes do mundo, vêm ganhando o status de partícipe ativo na propagação de ideias e costumes na sociedade.

Estudos recentes apontam para um processo de humanização de aparelhos como TV e computador, nos quais a incorporação de elementos específicos como o uso de imagens, sons, vozes, entre outros tantos, podem penetrar em zonas internas do indivíduo, promovendo reações físicas e psicológicas e induzindo a presença de emoções, influenciando

comportamentos ou, até mesmo, em casos mais complexos, provocando distúrbios psicológicos.

As novas tecnologias da informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimento. Criam uma nova cultura e um modelo de sociedade. (KENSKI, 2012, p.23)

Outro aspecto relevante dessa modernização, está relacionado à massificação do uso de equipamentos telefônicos, televisivos e computadores, dentre os quais têm contribuindo para alterar a forma de aprender. As informações preconizadas por alguns desses veículos de comunicação, inclusive, tem sido considerada como orientadora para a vida de muitas pessoas. De modo que a expansão tecnológica, a princípio vista como algo acessório, tem se agigantado, chegando a ocupar um espaço essencial na condução da própria vida.

Por meio do que é transmitido pela televisão, ou acessado pelo computador, as pessoas se comunicam, adquirem informações e transformam seus comportamentos. Tornam-se “teledependentes” ou “webdependentes”, consumidoras ativas, permanentes e acríicas do universo midiático. (KENSKI, 2012, p. 25)

A partir das questões apontadas, pode-se ampliar o olhar na direção dos desafios e ações necessários, dentro do ambiente escolar, para a construção de um espaço que insira as tecnologias em suas práticas, mas criando, ao mesmo tempo “um ambiente crítico em relação ao uso e a apropriação dessas tecnologias” (KENSKI, 2012, p. 25). Embasamo-nos, portanto, nas reflexões anteriores, a fim de pensar no uso da tecnologia que aplicada a situações de aprendizagem e que possam ampliar essa compreensão, direcionando o ensino para contornos de maior pertinência no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Vislumbrando o futuro da educação, Moran (2013), compreende que é difícil delimitar uma ideia acabada nesse sentido, pois são necessárias inúmeras mudanças que não se limitam à propagação de novas ferramentas de tecnologia. De acordo com esse estudioso, imaginava-se que o uso da internet seria, em pouco tempo, uma revolução para o ensino, corroborando para metodologias diferenciadas e que permitiriam atender a necessidades individuais e coletivas dos alunos. Porém, esse processo tem sido bastante lento. Moran (2013) chama a atenção para o fato de que o uso da técnica de maneira intensiva não necessariamente promove resultados expressivos. Fato esse que já foi demonstrado na observação de experiências vivenciadas em escolas, cujo trabalho com recursos escassos produziu mais resultados do que o realizado em outras instituições que tinham esse uso mais amplo e vice-versa. Por meio dessa reflexão, Moran (2013, p. 12) chega ao seguinte entendimento: “Não

são os recursos tecnológicos que definem a aprendizagem, são as pessoas, o projeto pedagógico, as interações, a gestão”.

De forma cada vez mais abrangente, as pessoas têm se adaptado aos recursos que facilitam e aperfeiçoam as tarefas do cotidiano, mas, se a escola não compreende que um dos seus grandes objetivos deve constituir-se em mediadora de processos educacionais que envolve toda a sociedade, seu papel estará limitado a um caráter de promoção de informações por metodologias restritas a processos mnemônicos, atendo-se a questões burocráticas e se mostrando pouco atrativa para os alunos. Ainda que exista uma imensa gama de teorias pedagógicas que revelem perspectivas mais eficazes de encarar os processos pedagógicos que compõe a experiência escolar, vincular-se-á a uma visão conservadora e pouco oferecerá em termos de reflexões e avanços. Portanto, “A escola precisa reaprender a ser uma organização efetivamente significativa, inovadora e empreendedora. Ela é previsível demais, burocrática demais, pouco estimulante para os bons professores e alunos”. (MORAN, 2013, p.12).

A partir dos aspectos mencionados, poderá surgir a pergunta: de que maneira essa realidade pode ser modificada? Certamente não se pode esperar métodos milagrosos para tal empreitada. Em sua experiência como pesquisador, Moran (2013, p. 13) defende que é necessário promover uma educação de caráter inovador, ou seja, baseada em proposições:

Uma educação inovadora se apoia em um conjunto de propostas com alguns grandes eixos que lhe servem de guia e de base: o conhecimento integrador e inovador; o desenvolvimento da autoestima e do autoconhecimento (valorização de todos); a formação de alunos empreendedores (criativos, com iniciativa) e a construção de alunos-cidadãos (com valores individuais e sociais).

Por outro lado, para que uma educação inovadora seja uma realidade, os docentes devem capacitar-se para o uso de recursos digitais que facilitem a pesquisa e o desenvolvimento de projetos que envolvam o uso das mídias, promovendo a participação e um posicionamento reflexivo dos alunos envolvidos nesses movimentos. A figura de um professor eficiente e motivado deve ser um norte para essa capacitação.

Acrescenta-se a isso a substituição gradual de aulas de cunho mais informativo por aulas desafiadoras, envolvendo a pesquisa e a experimentação o que contribuirá de maneira decisiva para uma transformação efetiva nas experiências docentes.

Evidentemente que essa postura diferenciada não se limita aos professores, mas abarca todos os profissionais envolvidos nos processos pedagógicos, entre os quais se encontram os membros da diretoria, da supervisão e da orientação escolar, pois a contribuição desses setores é determinante para a criação de um ambiente inovador. Além disso, não pode estar

alheio a esse trabalho o núcleo familiar, por constituir uma força que servirá de apoio ao trabalho realizado pela escola e ainda cooperar no incentivo aos filhos e no auxílio à concretização de atividades que sejam propostas fora do ambiente escolar. Somadas a todas essas referências e presente no centro de todo processo, encontra-se o aluno, peça principal dessa engrenagem, cuja motivação e interesse irá transformá-lo em parceiro e sujeito atuante em todas as etapas desse processo. Para KENSKI (2012, p.93) “A nova lógica da sociedade de informação traz o professor para o meio do grupo de aprendentes. O professor passa a encarar a si mesmo e seus alunos como uma “equipe de trabalho” com desafios novos e responsabilidades individuais e coletivas a cumprir”.

Sendo um dos grandes desafios da educação a promoção de uma aprendizagem significativa, cuja informação cumpra um papel verdadeiramente importante e se converta em conhecimentos úteis para a vida em sociedade, é preciso encarar com urgência novas formas de favorecer o aprendizado, permitindo que os alunos interajam com outros seres e com o mundo. Que tenham acesso a conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade de maneira que resulte em saberes duradouros e que contribua para o desenvolvimento de ideias e de hábitos que integrem o raciocínio, a emoção e a ética. Alcançando aspectos individuais e coletivos, pode-se promover uma formação de cidadãos mais consistentes e conscientes de sua colocação no mundo.

## 5 O TELEJORNAL

O telejornal, cuja origem advém das notícias transmitidas pelo rádio, é um veículo de comunicação que tem um papel essencial na sociedade atual, sendo aceito como um dos principais meios de divulgação das informações no país.

Fatias extremamente consideráveis da população toma conhecimento das notícias da sua cidade, da sua região, do seu país, bem como do resto do mundo, assistindo diariamente a um dos programas de jornalismo veiculados pelas emissoras de televisão existente. (SQUIRRA, 1990, p.11)

De acordo com Viseu *et al* (2007, p. 7) “Os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma contribuem para uma organização do mundo circundante”. Apesar de no cenário da televisão brasileira o telejornalismo ainda ter uma pequena participação se comparado a outros gêneros de programas televisivos, todas as emissoras transmitem seus telejornais em horários alternados e semelhantes. Traçando um panorama do surgimento do telejornal no Brasil, Partenostro (1987) expõe que o jornal “Imagens do Dia” teve seu nascimento juntamente com a criação da emissora conhecida como TV Tupi, localizada na cidade de São Paulo, tornando-se o primeiro jornal da televisão brasileira. No entanto, o “Repórter Esso”, jornal veiculado por essa mesma emissora, no ano de 1953, foi reconhecido como o primeiro telejornal de sucesso da televisão brasileira, permanecendo no ar aproximadamente 20 anos. A partir dessa época até os dias atuais, inúmeros telejornais já passaram pelas emissoras brasileiras, sendo que mais recentemente, há canais de televisão, por assinatura, que se dedicam exclusivamente ao telejornalismo.

Criticado por muitos que o veem como uma arma perigosa, ao propagar informações que influenciam a opinião pública e a sociedade de forma impactante, seu estudo crítico permite a publicação de inúmeros trabalhos científicos que buscam, entre outros aspectos, analisar sua influência como mídia nos mais variados setores da sociedade.

Procurando estabelecer as principais características desse gênero, recorrer-se-á aos estudos de Paternostro (1987) que aponta oito seguimentos, nos quais é possível conhecer de forma mais ampla a composição desse veículo de comunicação. São elas:

Quadro 3 - Características evidentes do Telejornalismo

<b>1. Informação visual</b>	<b>5. Envolvimento</b>
<b>2. Imediatismo</b>	<b>6. Superficialidade</b>
<b>3. Penetração</b>	<b>7. Índice de Audiência</b>
<b>4. Instantaneidade</b>	<b>8. Concessão do governo</b>

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Paternostro (1987)

No que tange à *informação visual* observa-se a presença da mensagem visual unida à auditiva possibilita uma melhor e mais ampla transmissão do conhecimento. O *imediatismo* pode ser observado na agilidade com que as notícias são repassadas, apresentando o acontecimento, muitas vezes, em tempo real e usando a imagem como elemento que permite uma maior compreensão do fato narrado. Já a *penetração* está presente na abrangência e no alcance das informações que atingem todas as camadas da sociedade, independente do grau de escolaridade. A característica da *instantaneidade* mostra a receptividade da transmissão em determinado momento, é a momentaneidade da notícia. O *envolvimento* compõe uma característica do telejornal que se manifesta na capacidade de atrair o telespectador por meio da mensagem. Essa característica é, por vezes, atingida com o uso de formas mais simples de comunicação e permite que a linguagem crie uma certa familiaridade com o público ao qual é transmitida a notícia. O aspecto da *superficialidade* trata do não aprofundamento das mensagens influenciadas por fatores como tempo e compromissos comerciais. Esse fator também está associado ao custo da transmissão. O *índice de audiência* é um fator de sobrevivência de uma emissora de televisão. O sucesso ou o fracasso de um programa é calculado por esse índice que interfere diretamente na programação e acaba por direcionar um padrão que atenda os interesses da maior parte do público. Por fim, tem-se a *concessão do governo* que é realizada por meio de portaria autorizada pelo governo federal. Essa concessão também pode ser cassada, caso a emissora não cumpra com normas estabelecidas pelo Código Brasileiro de Telecomunicações. (PATERNOSTRO, 1987). De modo que as características mencionadas são padrões que perduram até os dias atuais nos telejornais brasileiros.

Com relação à transmissão de atividades televisivas em rede, Maia (2011) aponta que, em setembro de 1969, a TV Globo lançava o Jornal Nacional, fazendo uma transmissão simultânea para seis capitais, com o uso da tecnologia do satélite. Com o avanço das transmissões dessa emissora, o JN (Jornal Nacional) passa a protagonizar um feito inédito, a

propagação nacional em rede, com formato fixo e criando formas mais ágeis de transmissão das notícias, modificando profundamente o cenário do telejornalismo brasileiro.

Com o passar do tempo, os telejornais vão se consolidando como um veículo de grande confiabilidade e passam a sofrer modificações que correspondem às mudanças culturais da própria sociedade. Atualmente, a conquista do telespectador pela aproximação e tratamento mais pessoal tem sido motivo de diversos estudos e mudanças presentes nas formas de divulgação da informação.

Este comportamento, que tem tomado conta das redações de telejornal, justifica-se pela necessidade de mudança de estratégia na captura do receptor, o telespectador. Não importa a idade, a classe social, o sexo, o grau de instrução. O desafio, agora, é re(criar) laços de proximidade e familiaridade com o público a fim de garantir audiência. (MAIA, 2011, p.8)

Outro ponto de grande importância é o da relevância social que o telejornalismo assume, ao veicular notícias que permitem o acesso ao público de informações fundamentais para sociedade. Tratando de temas de utilidade pública como saúde, economia, educação, divulgação de pesquisas, em diversas áreas do conhecimento, ou até mesmo atualizar a vida política diária do país, esse veículo, converteu-se fonte de informação com grande credibilidade e formador de opinião para a maioria dos brasileiros.

## **5.1 O Telejornal na escola**

A construção de um telejornal com objetivos educacionais constitui uma experiência de grande valor para o ensino e para a pesquisa dentro dos educandários brasileiros, pois favorece o surgimento de práticas que permitem ao aluno relacionar-se de maneira mais abrangente com as tecnologias de informação e comunicação (TIC), oportunizam seu desenvolvimento em várias áreas do conhecimento, sobretudo na sua vida escolar, promovendo uma melhor assimilação dos conteúdos, o desenvolvimento de práticas que envolvem oralidade, a capacitação no trabalho em conjunto, entre outros.

Além disso, permite um olhar mais crítico daquilo que lê e observa, colaborando para uma aproximação com a realidade e motivando um maior interesse por assuntos pertinentes à comunidade onde vive e atua. Nesse sentido, interpretar a linguagem que compõe os telejornais é fundamental para alcançar uma penetração maior dos objetivos do texto jornalístico.

Estudar a linguagem da TV e dos noticiários televisivos significa estudar os áudios e os vídeos que compõem a mensagem televisiva e os modos como a televisão produz sentidos combinando imagens, palavras e outros elementos da narrativa audiovisual e também regras estabelecidas no texto para as relações entre produtores e receptores. (BECKER, 2016, p. 158)

De acordo com a autora mencionada, o contato com a mídia televisiva ainda favorece o processo de leitura crítica, desperta o senso crítico e auxilia na criatividade, pois os elementos envolvidos em sua produção permitem incorporá-los a outras realidades. Para Silva (2013, p.23), o jornalismo constitui-se em “um processo de institucionalização que age no mundo dos indivíduos à medida que transmite e interpreta os fatos da realidade”.

O trabalho com textos jornalísticos permite ademais, a satisfação das necessidades de caráter humanizador, tais como, o interesse pelo conhecimento do novo, estabelecer relações com o passado, a possibilidade de ser advertido ou orientado e a necessidade de entretenimento. É papel do jornalista buscar as necessidades humanas refletindo sobre elas e selecionar quais fatos podem ser transformados em notícia, verificando sempre a autenticidade das informações que transmite.

Confrontando a notícia escrita à oralizada é possível traçar suas características, ou seja, identificar a relativa estabilidade do gênero por meio de seu conteúdo temático, estilo e construção composicional (Bakhtin, 2010), esse procedimento evidencia que a maior especificidade do gênero telejornal encontra-se em sua composição.

A notícia escrita apresenta aspectos peculiares de estrutura textual integrantes do gênero jornalístico, porém próprios da linguagem verbal como a manchete, o *lead*, o corpo, os marcadores de coerência e coesão textuais, entre outros, enquanto a notícia oral focalizada em um telejornal apresenta uma estrutura composicional<sup>4</sup> composta por uma chamada inicial, pelo texto principal, pelos textos do VT<sup>5</sup> e pelo fechamento. A linguagem do telejornal tem como referencial a norma culta da língua, mas conta com a liberdade de escolhas lexicais que permitem uma aproximação maior ao público.

Por ser uma das tecnologias de maior acessibilidade para os brasileiros, a televisão exerce o posto de formadora e como metodologia de ensino, exerce a função de aproximar professores e alunos, proporcionando um trabalho em equipe, facilitando a compreensão e assimilação dos conteúdos escolares. Lima, Pacheco e Júnior (2014, p.200), acrescentam nesse sentido que “As metodologias educativas usando os meios de educação apresentam

---

<sup>4</sup> Caracterização composicional do gênero telejornal proposta por Silva (2017).

<sup>5</sup> Segundo os estudos de Silva (2017) a sigla VT faz referência a expressão *vídeo tape*, sendo um termo utilizado na área de comunicação.

diferentes vantagens no processo de ensino e aprendizagem como o uso de diferentes formas de linguagem, também possibilita a construção do pensamento crítico”. De acordo com os autores supracitados esse tipo de trabalho permite o desenvolvimento de habilidades que favorecem a autonomia na construção de um roteiro próprio de trabalho.

## 6 METODOLOGIA

A metodologia adotada para este trabalho é de cunho qualitativo, na qual optou-se por uma pesquisa-ação, com base em Thiollent (1985), pois esse tipo de pesquisa possibilita um olhar voltado para os problemas que a realidade educacional apresenta. Segundo o autor, a pesquisa-ação pode ser definida como

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada com estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos. (THIOLLENT, 1985, p.14)

A instituição em que a pesquisa-ação será realizada é uma escola pública estadual, localizada no bairro Azenha, na cidade de Porto Alegre/RS. Atualmente o educandário conta com cerca de 370 alunos matriculados e oferece o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. Como participantes da pesquisa, foram convidados 17 alunos que frequentam o 7º ano do Ensino Fundamental, pois trata-se da turma em que a professora pesquisadora é regente nas aulas de Língua Portuguesa.

Partindo de uma realidade concreta, a pesquisa-ação visa um trabalho que contemple as práticas sociais dos agentes envolvidos na pesquisa, dando a eles um papel de destaque e de ampliação dos conhecimentos do grupo. Pretendeu-se, todavia, realizar a pesquisa nas aulas de Língua Portuguesa, aplicando-se uma sequência didática que contemplasse a escolha e produção do material, oportunizasse práticas de exposição oral e que permitiria uma capacitação em conhecimentos técnicos para formatação e edição final do programa.

Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa é analisar como a construção de um telejornal, nas aulas de língua portuguesa, pode contribuir para o desenvolvimento da expressão oral em alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Em convergência com objetivo geral da pesquisa, os objetivos específicos pretendem que os participantes, ao final do projeto, sejam capazes de:

- a) conceituar o gênero telejornal;
- b) aplicar conhecimentos que visem ao aperfeiçoamento da exposição oral;
- c) usar ferramentas tecnológicas direcionadas para seu processo educativo.

Os instrumentos de pesquisa utilizados constituem-se em registros fotográficos, gravações de áudio e filmagem. Acrescido aos instrumentos já mencionados, estão os registros escritos no diário de campo, relatórios de atividades e avaliações reflexivas escritas

pelos alunos. Todos esses dados formam recursos fundamentais para composição dos dados que constituem a pesquisa e resguardam sua confiabilidade.

Conforme o termo de consentimento assinado por alunos e responsáveis, cujo modelo se encontra anexado ao final deste projeto, opta-se por identificar os alunos por meio de letras do alfabeto, de A até Q. No que se refere ao uso de textos escritos pelos alunos, decidiu-se por manter sem a correção gramatical, posto que o escopo pode servir de base para um trabalho posterior de análise e construção de um projeto que vise o aperfeiçoamento da escrita, aspecto que ficou inviabilizado, neste momento, pelo término do ano letivo.

Na próxima seção, serão descritos os passos seguidos na sequência didática.

## **6.1 Descrição Metodológica**

Com o intuito de propiciar uma experiência que faz o uso de diversos gêneros no âmbito jornalístico, mas sobretudo voltada para o desenvolvimento da expressão oral dos alunos participantes, optou-se pelo modelo da sequência didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A proposta se desenvolveu da seguinte forma:

Disciplina: Língua Portuguesa

Público Alvo: Estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental

Duração: 18 horas aula

### Planejamento geral do percurso investigativo

- Introdução (1h/aula)
- Apresentação da sequência didática (1h/aula)
- Produção Inicial (4h/ aula)
- Quatro módulos:
  - Módulo I: Leitura e Escrita (1h/ aula);
  - Módulo II: Telejornal (1h/ aula);
  - Módulo 3: Prática da Oralidade (3h/ aula);
  - Módulo 4: Prática da Oralidade/ Edição (4h/ aula).
- Produção Final (2h/ aula)
- Total: 18h/ aula

### 6.1.1 Composição da Sequência Didática

A sequência didática foi composta por três momentos iniciais: a introdução, a apresentação e produção inicial, seguida de quatro módulos de desenvolvimento para chegar à produção final. Nas próximas subseções será abordado o desenvolvimento de cada etapa mencionada na composição da sequência.

#### 6.1.1.1 Introdução

Nesta aula, foi apresentada aos alunos a proposta de trabalho com o telejornal, os objetivos do projeto com relação ao desenvolvimento da oralidade, bem como oportunizou-se aos alunos realizarem perguntas e aclarar dúvidas.

#### 6.1.1.2 Apresentação da Sequência Didática

Na primeira aula, foi debatido com os alunos sobre a importância da informação na atualidade, sendo a notícia um gênero que permite estar em contato com essas realidades. Em seguida, foram vistos alguns exemplos de notícias, escritas e faladas. Finalizado esse primeiro movimento, os participantes foram convidados a pensar e pesquisar, junto aos professores e funcionários da escola, possíveis temas relacionados à escola e à comunidade escolar que poderiam servir de base para as notícias, entrevistas, debates, entre outros e que seriam apresentadas no telejornal produzido por eles. Os recursos utilizados foram: computador com acesso a internet para visitas a sites de jornais e acesso a trechos de jornais televisivos no *Youtube*.

#### 6.1.1.3 Produção Inicial

Nesta aula, foram impressas algumas notícias, entrevistas e outros gêneros pesquisados na aula anterior. O material foi lido por alguns alunos em voz alta e aberta a palavra para que manifestassem sua opinião sobre o lido. Na 3ª aula, puderam estudar a organização composicional do material, comentado sua estrutura básica (relativamente estável), o que possibilitou uma ancoragem para a produção escrita inicial. Na 4ª aula, registrou-se e organizou-se os possíveis assuntos levantados pelos alunos para construção do jornal, realizando um primeiro ensaio de escrita das notícias, entrevistas e outros gêneros

jornalísticos que foram sugeridos. Foram utilizados os seguintes recursos tecnológicos: computador, editor de texto, impressora e aparelhos celulares.

#### 6.1.1.4 Módulo I – Leitura e Escrita

Após a produção inicial, os alunos leram e compartilharam a primeira escrita com os colegas. Nesta oportunidade, foram debatidos os conteúdos das produções e aperfeiçoados os textos coletivamente. Os recursos tecnológicos utilizados nesta etapa foram: computador, impressora e editor de texto.

#### 6.1.1.5 Módulo II – Telejornal

Nessa aula foi apresentado aos participantes o gênero telejornal e, para tal, exibidos alguns trechos de telejornais de diferentes emissoras. Após assistir, os alunos expressaram suas compreensões sobre os elementos observados na estrutura de um telejornal, fazendo reflexões, pensando nos conteúdos já produzidos e vislumbrando a experiência que seria vivida por eles, além de registrar, por escrito, essas observações. Foram utilizados os seguintes recursos tecnológicos: computador com acesso a internet para acesso a trechos de jornais televisivos no *Youtube*.

#### 6.1.1.6 Módulo III – Prática da Oralidade

Na primeira aula, com os textos devidamente selecionados e corrigidos, houve a organização das partes que compõem o telejornal. Na sequência, oportunizou-se que os alunos escolhessem qual função iriam desempenhar. Esse fato foi muito importante, pois houve várias iniciativas e também o incentivo do grupo para participação de alguns colegas. De modo que a seleção dos apresentadores, dos repórteres, dos responsáveis pelas câmeras, dos editores e dos auxiliares, foi dirigida pelos próprios alunos. Após essa organização, foi realizada a leitura dos textos por quem iria desempenhar a função dentro do telejornal. Na aula seguinte, iniciou-se com as gravações iniciais, usando o celular, onde foram realizadas tomadas internas e externas como um primeiro ensaio, a fim de contribuir para o domínio do texto e análise. Na sequência, iniciou-se a análise das gravações, verificando tom de voz, postura, dicção, contexto e posicionamento diante das câmeras. Nesta fase, os alunos anotaram e comentaram suas observações. Essas anotações foram digitadas e organizadas,

sendo utilizadas no aperfeiçoamento da próxima gravação. Os recursos de mídia utilizados nesta fase foram: aparelhos celulares, computador com acesso à internet, projetor multimídia, editor de texto, papel e caneta para anotações.

#### 6.1.1.7 Módulo IV – Prática da Oralidade/ Edição

Nestas aulas, retomaram-se as gravações, objetivando o aperfeiçoamento das tomadas. Nas aulas seguintes, a edição dos vídeos produzidos, buscaram definir a sequência, a abertura, música de fundo e encerramento. O objetivo foi o trabalho em conjunto na organização do vídeo para que a turma vivenciasse todo o processo. Os recursos tecnológicos utilizados foram: aparelhos celulares, computador com acesso à internet, editor de vídeos, editores de texto e imagem.

#### 6.1.1.8 Produção Final

Nesta etapa, os alunos se dedicaram a assistir e verificar o conteúdo do vídeo produzido. Essa oportunidade, criou um momento de refletir sobre o próprio aprendizado, no qual analisaram as práticas de oralidade desenvolvidas durante o projeto, bem como seus avanços diante delas. O vídeo completo do telejornal foi passado para toda a turma e contou com a presença dos participantes da comunidade escolar. Não houve disponibilização do produto final na internet por motivo de sigilo da pesquisa, em conformidade com o Termo de Consentimento Informado. Os recursos tecnológicos utilizados foram: aparelhos celulares, computador com acesso à internet, editores de texto e imagem.

## 7 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa-ação, a partir da qual os dados da pesquisa foram gerados, teve a duração de dois meses e promoveu, ao longo de todo o processo, a interação entre os participantes, estimulando a colaboração mútua na superação das dificuldades apresentadas a fim de resolvê-las ou esclarecê-las. Essa configuração não foi reduzida a uma simples ação, mas pôde ampliar os conhecimentos dos alunos, conforme poderá ser apreciado na medida em que o conteúdo da investigação for apresentado.

Posto que o objetivo geral da pesquisa visa a análise da construção de um telejornal, nas aulas de língua portuguesa, como contribuição para o desenvolvimento da expressão oral em alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, as seguintes questões foram consideradas na análise dos dados: As atividades e práticas de linguagem propostas contribuíram para que os participantes da pesquisa se apropriassem do gênero telejornal? Na perspectiva da oralidade, quais capacidades de linguagem puderam ser desenvolvidas pelos alunos ao longo do projeto? e por fim, de que maneira os recursos tecnológicos utilizados durante a pesquisa contribuíram para processo de ensino-aprendizagem desses estudantes?

No que se refere à apropriação do gênero telejornal, será retomada a tese proposta por Schneuwly (2004) que coloca o gênero como mediador que permite agir em situações comunicativas definidas. Nesse sentido, serão selecionados para análise, os quatro níveis de produção de textos orais e escritos, sendo eles: apresentação da situação de comunicação, elaboração de conteúdos, planejamento e realização do texto.

Tomando inicialmente a construção e representação da situação de comunicação (SCHNEUWLY, 2004), os participantes da pesquisa puderam conhecer a proposta de trabalho com a oralidade, a partir do gênero telejornal, refletindo sobre seu papel de autoria na construção do projeto e considerando o público ao qual se destinava a produção, além de receberem as primeiras informações sobre a finalidade e a importância do telejornal como veículo de informação.

Quanto ao nível de elaboração de conteúdos, houve a formulação de um roteiro inicial para o jornal a partir das práticas sociais nas quais os alunos estavam inseridos. Sendo assim, os assuntos que o integraram foram extraídos de situações vivenciadas na instituição escolar e resultado de pesquisas de campo realizadas pelos participantes junto a professores e funcionários da escola. Schneulwy e Dolz (2004) apontam sobre a importância de os alunos serem colocados em situações que tenham significado, pois na concepção de gênero como instrumento uma de suas funções é permitir a reflexão coletiva sobre os problemas sociais.

Além disso, para permitir que a elaboração do roteiro tivesse uma maior aproximação com o gênero estudado, os participantes assistiram a telejornais exibidos em canais abertos<sup>6</sup> e também telejornais escolares, disponíveis na plataforma *youtube*, registrando observações que serviram de base para reflexões no preparo do texto, em aspectos relativos à oralidade e na utilização de recursos tecnológicos. Nesse sentido, Schneulwy e Dolz (2004) afirmam que na caracterização dos gêneros orais é imprescindível que haja um contato maior com dados cuja autenticidade se constitua em um *corpus*, de maneira que possa ampliar a aproximação ao gênero abordado.

Assistir os jornais e escrever suas impressões foram ações que contribuíram para estabelecer preceitos linguísticos e nortear o comportamento esperado dos estudantes, lembrando que o gênero adaptado a uma atividade escolar objetiva o desenvolvimento de capacidades. Na escrita dos alunos, é possível perceber de que maneira esses preceitos postos por Schneulwy e Dolz (2004) foram se apresentando.

*Aluno A: Alguns jornais tem a hora de abertura diferente e com o tema diferente. Os jornalistas se vestem com roupas mais sociais. Eles falam com clareza e um bom vocabulário. Eles tem uma grande interação com o público.*

*Aluno B: Nos jornais de canais abertos, os destaques estão bem resumidos, são bem marcantes nas iniciais e no fundo. Abertura bem interessante, a postura deles está “limitada”.*

*Aluno C: Sobre os jornais escolares, os áudios nem sempre estavam de acordo com as imagens. Os repórteres ficavam balançando. Alguns apresentadores gaguejavam. Os repórteres e apresentadores não estavam com certa postura.*

As etapas seguintes de planejamento e realização do texto (SCHNEUWLY, 2004), contaram com a participação de todos os alunos e com a orientação da docente pesquisadora, a fim de que as adequações ao gênero telejornal, no que se refere à sua estrutura composicional, fossem ponderadas.

Analisando projetos de aprendizagem colaborativa, Behrens (2013) enfatiza a necessidade de o aluno ter uma função ativa na produção do conhecimento, pois essa postura contribui para a formação de uma parceria entre alunos e professores, na formação de um cidadão crítico, com autonomia e criatividade e capaz de transformar a realidade que o cerca.

---

<sup>6</sup> Foram disponibilizados telejornais exibidos pelas emissoras Globo (Jornal Nacional) e SBT (Jornal do SBT).

Verificou-se que houve um grande interesse dos alunos durante o processo o que corrobora com as observações do autor.

Figura 1 - Alunos do 7º ano, trabalhado em grupos para a formulação das notícias do telejornal.



Fonte: A autora, 2018

Figura 2 - Alunos do 7º ano, trabalhando em grupos para a formulação das notícias do telejornal.



Fonte: Autora, 2018

Figura 3 - Alunos do 7º ano trabalhando em grupos na elaboração e digitação do roteiro do telejornal.



Fonte: a Autora, 2018

Figura 4 - Alunos do 7º ano trabalhando em grupos na elaboração e digitação do roteiro do telejornal.



Fonte: a Autora, 2018

As figuras anteriores confirmam as etapas de apropriação do gênero ao longo da pesquisa e a interação dos participantes, evidenciando que o trabalho com o telejornal promoveu ações no grupo que contribuiriam para a aprendizagem coletiva. Nas atividades de linguagem descritas, tendo como orientação os níveis de abordagem com os gêneros orais e escritos, pôde-se verificar que o gênero, tomado como um *megainstrumento* (SCHNEUWLY, 2004), permitiu o aprofundamento e a exploração de conhecimentos, estimulou uma atitude

responsiva ativa dos participantes, além de levá-los a reconhecê-lo como um suporte na realização das atividades e referência nas situações de comunicação (SCHNEUWLY, 2004).

Retomando o objetivo fundante desta pesquisa alusivo ao trabalho com a oralidade, serão discutidas, na sequência, a análise da proposta estruturada para esse fim e suas possíveis contribuições para aquisição de capacidades de linguagem dos participantes da pesquisa. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) são essas capacidades que outorgam aos estudantes a adquirir noções, técnicas e instrumentos necessários para o desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações diversificadas de comunicação. Sendo assim, o enfoque norteador para análise dos meios paralinguísticos, cinésicos, posição dos interlocutores, aspecto exterior e disposição de lugares, conforme apontado por Schneuwly e Dolz (2004).

Em relação aos recursos para-linguísticos, as atividades de leitura realizadas pelos alunos exerceram a função de conexão entre texto e voz e foram aperfeiçoadas ao longo do projeto. A voz colocada a serviço do texto produziu um evento de linguagem que tornou possível o reconhecimento do gênero. Na oralização da escrita, ou seja, na produção da ação de ler para os outros, utilizam-se recursos diferentes de voz, de tal maneira que, mesmo sem compreender o sentido das palavras, pode-se reconhecer o evento comunicativo escutado, ou seja, o gênero do evento. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). As imagens a seguir, mostram a realização desta atividade.

Figura 5 - Aluno do 7º ano realizando uma prática de leitura diante da turma.



Fonte: a Autora, 2018

Figura 6 - Aluna do 7º ano sendo aplaudida pelos colegas, após realizar uma prática de leitura diante da turma.



Fonte: a Autora, 2018

Associando elementos prosódicos a um evento de linguagem é possível perceber particularidades como a entonação, a acentuação e o ritmo. A entonação em suas noções de altura, intensidade e duração, ao ganhar o domínio consciente transforma-se em uma capacidade de linguagem, (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). A construção do telejornal exigiu que a voz fosse colocada a serviço do texto de maneira clara, pausada e rítmica para que a mensagem pudesse ser compreendida pelo auditório. Os registros fotográficos (figuras 7 e 8), apresentados a seguir, ratificam essas ponderações.

Figura 7: Alunos apresentadores realizando a leitura do roteiro e exercitando fatos prosódicos como entonação, acentuação e ritmo em adequação ao gênero telejornal.



Fonte: a Autora, 2018

Figura 8 - Alunas realizando a leitura do roteiro e exercitando fatos prosódicos como entonação, acentuação e ritmo em adequação ao gênero telejornal.



Fonte: a Autora, 2018

Prosseguindo a análise, no que se refere aos meios cinésicos (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), seu desenvolvimento possibilitou a percepção da atitude corporal dos alunos durante os ensaios realizado no mês de outubro, como indica a figura 9. Os movimentos se revelavam tensos e restritos ao texto impresso e foram marcados pela ausência na troca de olhares entre o entrevistador e o entrevistado.

Nas gravações, após um trabalho intenso voltado para a consciência corporal, a mudança pode ser evidenciada, principalmente no que se refere à postura e ao olhar, conforme a figura 10. O aluno apresenta um domínio do texto e demonstra segurança, sua postura e seu olhar naturalmente são direcionados para o entrevistado. Nas imagens a seguir, é possível verificar os aspectos apontados.

Figura 9 - Aluno repórter, no mês de outubro, demonstra dificuldades de domínio do texto, da postura e ausência do olhar diante do entrevistado.



Fonte: a Autora, 2018

Figura 10 - Aluno repórter no mês de novembro, demonstra apropriação do texto e domínio da postura e do olhar diante do entrevistado.



Fonte: a Autora, 2018

No que tange à posição dos interlocutores (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), como se pode verificar na figura 11, é possível perceber que a distância física está limitada e o posicionamento do celular, usado como gravador, é realizado ao mesmo tempo que o olhar se fixa no papel, o que compromete o espaço pessoal e impede um contato físico eficaz. Este posicionamento é modificado, com o avançar das atividades de linguagem e é demonstrado na figura 12, na posição do participante frente ao entrevistado, em uma situação real. O celular converte-se em uma extensão do corpo e seu movimento torna-se sincronizado com a fala.

Figura 11 - Aluno repórter em fase inicial de ensaios, ainda sem o domínio da posição e do olhar frente ao entrevistado.



Fonte: a Autora, 2018

Figura 12 - Aluno repórter já com o domínio da posição e do olhar perante o entrevistado.



Fonte: a Autora, 2018

O aspecto exterior (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) é realçado pelas roupas e a postura dos participantes, conforme as figuras 13 e 14. Sem que tenha sido solicitado pela docente pesquisadora, ao passo que foram se apropriando do texto e compreendendo o contexto de produção do gênero telejornal, os alunos que representam os apresentadores, trouxeram roupas que consideravam adequadas, no intuito de obterem aprovação. Essa atitude responsiva (BAKHTIN, 2010) demonstra que apropriação do gênero promoveu mudanças de atitudes que se transfiguram também em iniciativas.

Figura 13 - Vestimenta dos apresentadores durante os primeiros ensaios do telejornal.



Fonte: a Autora, 2018

Figura 14 - Mudança de vestimenta dos apresentadores em adequação ao gênero telejornal.



Fonte: a Autora, 2018

A disposição de lugares (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) foi também fruto de uma observação mais consciente dos participantes. Verificaram que a sala, em que estavam sendo realizados os ensaios, conforme imagem 15, estava inadequada para as gravações de estúdio, por sua desordem e aspecto deteriorado. Diante desse fato, surgiu a iniciativa, promovida por um grupo de alunos, de solicitar, junto à direção da escola, uma sala de aula, ainda que estivesse em reforma, mas com possibilidade de uso, para que fossem realizadas as gravações. Essa mudança de atitude e espírito de iniciativa demonstra um comportamento reflexivo sobre as práticas que estão envolvidos.

Figura 15 - Espaço físico onde foram realizados os ensaios das chamadas.



Fonte: a Autora, 2018

Figura 16 - Espaço físico onde foram realizadas as gravações das chamadas.



Fonte: a Autora, 2018

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p.135), são elementos essenciais em atividades que visem o desenvolvimento da oralidade “a tomada de consciência e de controle dos recursos extralinguísticos (prosódia, silêncios, posturas, gestos, distância e posição dos locutores)”, porém, apesar de sua centralidade, o parâmetro das situações das interações verbais, relacionadas ao gênero como instrumento de comunicação, é o caminho para estruturação do ensino do oral.

Com base nesses aspectos, foi possível constatar que o domínio do gênero telejornal, ao longo da pesquisa, concretizou-se como ponto de referência e instauração de novos comportamentos e coadjuvou para atitudes mais conscientes e de melhor gestão dos processos extralinguísticos. Ainda em relação à aquisição de capacidades de linguagem, serão apresentados, na sequência, alguns depoimentos que revelam uma mudança de comportamento vivenciada ao longo do projeto.

Ao serem convidados a refletir sobre o trabalho voltado para o desenvolvimento da exposição oral, por meio do telejornal, os alunos produziram relatos escritos, nos quais é possível perceber os efeitos das diversas abordagens e sua contribuição para o ensino e a aprendizagem de um gênero oral. Tanto no relato dos alunos que participaram diretamente das gravações quanto naqueles que analisavam as apresentações dos colegas, o aspecto mais evidenciado foi o comportamento de vergonha, também conhecido como inibição ou timidez (PECOTHE, 1999), como sendo o fator mais prejudicial no uso de recursos linguísticos e para-linguísticos, o que, por conseguinte, prejudicava o objetivo comunicativo do gênero telejornal. O que pode ser evidenciado nesses relatos:

**Aluno B:** *o problema é que eles se sentem um pouco inseguros em falar e também eles repetem demais as falas com menos vontade de falar ...*

**Aluno M :** *Bah ... a vergonha é muito ruim porque eu podia ir lá na frente e ficar no lugar do meu colega que faltou, mais não fui por causa da vergonha.*

Durante as etapas da pesquisa-ação, buscou-se, por meio de atividades de linguagem (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), tais como, apropriar-se do conteúdo da fala, apresentar-se diante dos colegas, analisar as gravações e refletir sobre as próprias atuações, a construção da confiança em si mesmo (PECOTCHE, 1999).

Esses movimentos, apoiados pelo respeito da docente e dos colegas frente às dificuldades apresentadas (riso, gagueira, esquecimento da fala, entre outras), acrescidos de palavras de incentivo, contribuíram para que ao final do projeto todos os alunos participantes da experiência alcançassem progressos significativos. Pode-se verificar essas afirmações, nos depoimentos dos alunos sobre os resultados alcançados ao final do projeto.

**Aluno A:** *O projeto do telejornal ajudou a perder minha vergonha, a me aproximar não só dos colegas, mas da professora, aprendi a ser paciente também.*

**Aluno B:** *A timidez era grande, no fim do projeto a fala fluía normalmente. A postura ficou perfeita falarão sem timidez.*

**Aluno C:** *No começo a fala ficou ruim, mais a gente que era repórter ficou treinando a fala em casa, na frente do espelho e também treinei a postura. A timidez prejudicava muitas pessoas, mais essas pessoas perderão a timidez e eu também.*

**Aluno D:** *Os repórteres tinham vergonha, muita vergonha. Alguns não queriam mais falar, queriam desistir. A postura envergonhada, o olhar torto, agora depois de muito tempo de ensaio, a timidez foi embora, eles tão crak.*

**Aluno E:** *Eu comecei gaguejando e depois melhorei, fui perdendo a vergonha e não fiquei mais tímido. Minha postura melhorou e comecei a prestar mais atenção, antes tava tímido e com medo, não sei por que, depois não tive mais medo.*

**Aluno F:** *Evoluímos na fala, agora não tenho mais timidez em falar.*

**Aluno G:** *No começo a gente ria pela timidez, falava muito rápido e não tinha postura. Depois de muito ensaio, já estavam com o texto na ponta da língua e dominando as palavras na frente da câmera.*

**Aluno H:** *No começo muitos repórteres estavam com vergonha, meio travados pra falar, e também não sabiam o texto de cor e no final do projeto o telejornal ficou ótimo.*

**Aluno I:** *O telejornal me ajudou a perceber que não precisa ter vergonha de falar algo ou de se fazer.*

**Aluno J:** *Foi muito bom fazer esse projeto, fui aprendendo a perder a timidez, a vergonha perante as câmeras. No começo tava difícil porque eu não tinha postura, tinha muita vergonha, mais com o decorrer do tempo fomos melhorando, a postura, a fala, o modo de si vestir, resumindo a gente foi evoluindo.*

**Aluno K:** *No início foi complicado pois eles tinha muita vergonha, mas, com o tempo eles foram se soltando, eles tinham um pequeno problema de dicção, mas no fim ficou perfeito.*

**Aluno L:** *Antes do começo das gravações os repórteres e jornalistas tinham muita vergonha e timidez, ficava com a postura errada e não conseguiam se concentrar, não acertavam as falas, etc... Mais agora depois de muitas gravações começaram a perder a vergonha, decoraram as falas, ganharam a postura e conseguiram se concentrar.*

Retomando ainda o demonstrado nas transformações evidenciadas pelos participantes, verificou-se o que Schneuwly e Dolz (2004, p.186), conceituam como papel do expositor. Esse “expositor-especialista” já consciente do próprio comportamento, do auditório ao qual se destina sua exposição aprende a avaliar suas práticas abarcando a situação comunicacional e ultrapassando os limites de uma simples atividade mnemônica. As mudanças, nesse sentido, estão dirigidas para uma maior eficiência na transmissão das mensagens e na consideração de possíveis limitações do público para compreendê-las (SCHENEUWLY; DOLZ, 2004).

Até aqui tratou-se das duas questões norteadoras da análise, a apropriação do gênero telejornal e o desenvolvimento de capacidades de linguagem. Levantaremos agora a discussão acerca da terceira questão proposta: De que maneira os recursos tecnológicos utilizados durante a pesquisa puderam contribuir para processo de ensino-aprendizagem desses estudantes?

O primeiro grande desafio foi a escolha do celular como umas das principais ferramentas tecnológicas que mediará o projeto. Tal dificuldade é explicada, por uma parte, por necessitar favorecer entre os participantes a compreensão de que seu uso deveria estar vinculado a uma situação de aprendizagem e por outro, como já exposto no início deste trabalho, pelos impedimentos, inclusive de ordem legislativa, que contribuem para o distanciamento desse recurso nas salas de aula. Retomando a trajetória do projeto após sua

conclusão, é possível afirmar que a ausência desse aparelho inviabilizaria consideravelmente a condução desse estudo, posto que a escola não oferecia outros recursos para as gravações.

Dada à ciência e autorizado o uso do celular como ferramenta pedagógica às respectivas instâncias da escola (direção, orientação e supervisão escolar), além de realizado um trabalho de compreensão com os alunos para que entendessem a função desse instrumento no projeto, pôde ser iniciado seu uso. Estudos realizados por Silva (2017) sobre a utilização dos celulares como objeto de aprendizagem evidenciaram que ele contribui de maneira significativa para a motivação e desenvolvimento dos alunos.

Ao longo do projeto verificou-se que o uso do celular, como objeto de aprendizagem, possibilitou a filmagem dos ensaios das gravações, a análise posterior de elementos linguísticos e não linguísticos e seu aperfeiçoamento. Permitiu também o registro de todo o material para a construção dos vídeos que compuseram o telejornal, favoreceu o uso de aplicativos de edição de imagem e áudio, além da documentação de atividades externas realizadas pelos alunos.

Outro recurso utilizado pelos alunos, durante a pesquisa, foi o computador com acesso à internet. Direcionado à pesquisa, elaboração e digitação de conteúdos, assim como para assistir e avaliar as próprias produções, pôde integrar parte da gama de recursos tecnológicos explorados no estudo. Em relação ao uso da internet como ferramenta de aprendizagem, Behrens (2013) considera que o uso da internet permite tornar significativo o processo educativo, pois oferece recursos variados no acesso e produção do conhecimento.

A capacitação na organização, seleção e edição de imagens e sons para a construção do vídeo final do telejornal envolveu toda a turma. Ao término pode-se analisar mais especificamente o trabalho de edição, pois a pouca experiência do professor e dos alunos neste sentido, exigiu a busca de conhecimentos e um tempo grande despendido para os cortes, organização da sequência e inserção de áudios e legendas no vídeo de finalização do projeto. As avaliações sobre este trabalho, seguem transcritas, através dos relatos de alguns participantes.

***Aluno L:** a câmera ficou no ângulo certo, o áudio alto o suficiente, a iluminação estava boa...*

***Aluno M:** o áudio ficou bom, mas e algumas partes ficou boa.*

***Aluno N:** gostei da organização, porém algumas vezes o áudio ficou com eco e em algumas notícias havia muito barulho, o que incapacitava de ouvir tanto os repórteres quanto os entrevistados.*

**Aluno O:** *A linguagem ficou clara, mas ainda tem muita coisa o que melhorar, temos que pensar que ninguém aqui era profissional.*

**Aluno P:** *Muitas áreas de gravação foi difícil de captar, o áudio por causa de muitos eventos e muitas partes estourou, a câmera tremeu, mas nada muito grave que atrapalhou o jornal.*

**Aluno Q:** *A edição para mim não foi fácil, mas eu gostei da oportunidade, porque edição é uma coisa muito difícil.*

É interessante observar que todos os alunos de alguma forma viram aspectos positivos no resultado final da edição, no entanto, já como uma postura de especialistas (SCHENEUWLY; DOLZ, 2004), adquirida no decorrer das avaliações sobre o uso da expressão oral, acabaram trazendo essa mesma visão como contribuição para uma reflexão mais ampla, no sentido de perceber aspectos a serem retomados e superados em trabalhos futuros.

Pontuaram a dificuldade de manter o áudio limpo nas diferentes gravações externas e o tremor da câmera em alguns momentos, mas nada que tenha comprometido o resultado final, pois há que se considerar, como bem ressaltou o aluno “O” que não se tratavam de profissionais. Complementando o exposto, serão apresentados alguns depoimentos dos alunos que demonstram a consciência do experienciado no projeto, após a culminação das gravações e de assistirem ao vídeo final editado.

**Aluno A:** *Eu aprendi o que é um telejornal, aprendi como funciona por trás das câmeras, como é editado e preparado, como é o roteiro, as entrevistas e que nas gravações tudo é ao vivo, o objetivo é informar as pessoas no dia a dia.*

**Aluno B:** *Eu aprendi que muitas pessoas precisam de notícias e que não basta só decorar a fala, é preciso entrar no personagem.*

**Aluno C:** *Aprendi que precisa de bastante pessoas para fazer um telejornal funcionar.*

**Aluno D:** *Aprendi que um telejornal é formado por trabalhadores esforçados e a notícia oral é muito treinada pelo jornalista.*

**Aluno E:** *Eu aprendi que demora tempo para gravar um telejornal e é que um jornal falado e não escrito, o objetivo dos telejornais é informar as pessoas.*

**Aluno F:** *Nós começamos do nada, fazendo atividades e aprendendo a diferença entre uma notícia escrita e falada. Aprendemos a ter postura, a falar melhor, a perder a timidez, entre outros...*

*Aluno G: O jornal é composto de abertura com música. Temos os apresentadores gravando em estúdio, os repórteres que entrevistam pessoas fora do estúdio e o objetivo é informar as pessoas com notícias verdadeiras.*

*Aluno H: Aprendi muitas coisas tipo a produção como é feito e não ser mais tímido. A produção é o que faz o telejornal funcionar. Os repórteres, as pessoas entrevistadas, a comunicação para as entrevistas.*

Interessante analisar esses depoimentos, pois revelam que as várias etapas do projeto foram vivenciadas de forma consciente. Recorrendo o percurso dos questionamentos direcionados à análise de dados, é nítido que todas as etapas se fizeram presentes de alguma forma na escrita dos alunos.

É possível verificar que apresentam apropriação da construção do gênero telejornal, em sua finalidade, composição e etapas de produção. Os alunos também demonstraram ter compreendido o objetivo do projeto, no que tange ao trabalho com a exposição oral, relacionando o uso da oralidade concernente com gênero, ademais de terem utilizado vários recursos tecnológicos para a construção dessa aprendizagem.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve como objetivo analisar de que maneira a construção de um telejornal, nas aulas de língua portuguesa, pode contribuir para o desenvolvimento da expressão oral em alunos matriculados em anos finais do Ensino Fundamental, permitindo que um grupo de estudantes de uma escola pública tivesse acesso a atividades e práticas de linguagem que possibilitassem o domínio de um gênero da esfera jornalística que, dificilmente, teriam acesso sem uma intervenção didática voltada para isso.

O referencial teórico permitiu a realização de um processo reflexivo, a partir das experiências de linguagem desenvolvidas, durante a produção do telejornal, evidenciando a grande importância de um trabalho sistemático, voltado para a oralidade, nos anos finais do Ensino Fundamental. Dessa maneira, o estudo orientou-se para três etapas. A primeira contemplou as atividades e práticas de linguagens, direcionadas à apropriação do gênero telejornal. Nesta etapa, pôde ser construída a situação de comunicação, elaborou-se os conteúdos, assim como o planejamento e a realização do texto, o que resultou na apropriação do gênero telejornal pelos participantes, numa perspectiva de aprendizagem coletiva.

As práticas de oralidade configuraram a segunda etapa do trabalho. O desenvolvimento de capacidades de linguagem permitiu aos estudantes exercitar o domínio de recursos paralinguísticos e prosódicos (oralização da escrita), de meios cinésicos (consciência corporal), relativos ao aspecto exterior (roupas) e à disposição de lugares (cenário), essas ações permitiram aos estudantes um maior domínio de recursos linguísticos e extralinguísticos. Acrescentado ao anterior, o trabalho com a oralidade alcançou ainda a apropriação do conteúdo, além da análise e da reflexão sobre as próprias atuações, o que corroborou para construção da confiança frente a si mesmo e aos demais.

Já a terceira etapa foi direcionada à apropriação de recursos tecnológicos. Nessa perspectiva, os alunos se capacitaram no uso pedagógico do celular, na utilização da internet, de editores de texto e vídeo, viabilizando, dessa forma, um uso reflexivo desses recursos em favor do processo de ensino-aprendizagem. Os materiais gerados nas etapas do projeto demonstraram a importância de o aluno realizar registros que lhe permitissem acompanhar sua trajetória na conquista de novos conhecimentos.

O projeto permitiu ainda uma aproximação dos alunos com a realidade escolar, possibilitando o conhecimento de assuntos pertinentes a essa realidade e incentivando a transmissão dessas informações com veracidade e clareza. É importante salientar, que um trabalho dessa natureza, além de contribuir para a aprendizagem, incide de forma significativa

no processo de formação humana desses alunos, oportunizando-os vivenciar experiências que ultrapassam a sala de aula e adquirindo bagagens de conhecimentos que serão úteis em diversos setores de suas vidas.

Cabe destacar ainda que a turma foco deste projeto apresentava desmotivação nas aulas, baixo rendimento e problemas de comportamento, de modo que a metodologia aplicada contribuiu para despertar o interesse pelas aulas, promover uma convivência maior e melhor entre os próprios alunos, destes com a docente e funcionários da escola.

Além dos benefícios trazidos para os participantes da pesquisa, vários funcionários da escola se envolveram no projeto, valorizando o fato de serem convidados a participar de entrevistas e poderem falar sobre o trabalho que realizam, estendendo, assim, os resultados da pesquisa para outros membros da comunidade escolar. Na análise da experiência, os resultados foram muito positivos de um modo geral. Em uma nova oportunidade de aplicação desse estudo, sugere-se prolongar o tempo e ampliar os gêneros a serem incluídos no telejornal, tais como: propagandas, debates, previsão do tempo, entre outros. A prática também poderia ser estendida a outras disciplinas, seja na ampliação do repertório de assuntos ou, até mesmo, auxiliando na apropriação de conhecimentos específicos dessas disciplinas. Acrescida a essas observações, a criação de um telejornal pode ainda constituir-se em um veículo permanente de transmissão dos fatos que acontecem na escola.

Por fim, é importante ressaltar o grande envolvimento dos alunos na pesquisa e por essa razão o avanço na produção de conhecimentos. Os objetivos pedagógicos foram alcançados com amplitude, evidentemente, abrindo a prerrogativa de o projeto ser retomado, melhorado e ampliado, conforme exposto anteriormente. No entanto, é inegável que cumpriu sua função de transmitir o conhecimento e o domínio de aspectos essenciais do gênero telejornal, contribuiu para o desenvolvimento da expressão oral dos alunos participantes, incidindo sobre aspectos linguísticos e não-linguísticos, além de capacitá-los na utilização de recursos tecnológicos contribuindo efetivamente para a melhora do processo de ensino e da aprendizagem dos alunos participantes. Por fim, espera-se dar prosseguimento a este trabalho com a realização de atividades futuras, contribuindo, dessa forma, para uma verdadeira educação pública de qualidade.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1979].

BECKER, Beatriz. **Mídia, telejornalismo e educação**. Revistas USP, v.10, nº1. 2016. Disponível em: [www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/119541/116878/](http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/119541/116878/). Acesso em: 26 de Out. 2018.

BENTES, Ana Cristina. **Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola**. In: Coleção Explorando o ensino. Vol.19 Língua Portuguesa: ensino fundamental/ Coordenação, Egon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 de Out. 2018.

CATABRIGA, H; MOREIRA, A. Aula de campo: uma estratégia para a formação do indivíduo cidadão. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Versão on line. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_cien\\_uem\\_heraclideseugeniocatabriga.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_cien_uem_heraclideseugeniocatabriga.pdf). Acesso em: 16 de Dez. 2018.

DOLZ, J.; SCHENEUWLY, B.; DE PIETRO, J-F e ZAHND, G. Exposição Oral. In: SCHENEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e col. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de Linguagem e ensino de Português**. In: \_\_\_\_\_. (Org). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1999, pág. 39-46.

GONZÁLEZ PECOTCHE. C.B. **Coletânea da Revista Logosofia**, tomo 3. São Paulo: ed. Logosófica, 2010.

\_\_\_\_\_. **Deficiências e Propensões do Ser Humano**. 9ªed. São Paulo: ed. Logosófica, 1999.

KENSKI, V.M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

LIMA, K.C.; PACHECO, F.V.; JUNIOR, A.F.N. **O uso do telejornal para o ensino e a importância da água**. X Fórum Ambiental da Alta Paulista, v.10, n.6, 2014, PP. 187-201. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?ei=f0rXW67PHoGEwgS-gZWYAQ&q=telejornal+agua&oq=telejornal+agua&gs\\_l=psy-ab.3..33i160k1.194908.197906.0.198430.15.14.0.0.0.0.513.2775.0j1j4j2j1j1.9.0....0...1.1.64.p](https://www.google.com.br/search?ei=f0rXW67PHoGEwgS-gZWYAQ&q=telejornal+agua&oq=telejornal+agua&gs_l=psy-ab.3..33i160k1.194908.197906.0.198430.15.14.0.0.0.0.513.2775.0j1j4j2j1j1.9.0....0...1.1.64.p)

sy-ab..6.9.2764...0j0i67k1j0i131i67k1j0i131k1j0i22i30k1.0.yqgJniOuKGg. Acesso em: 25 de Out. 2018

MACHADO, D. A.; OLIVEIRA, M.A. **O uso das mídias nas aulas de Língua Portuguesa nas séries finais do Ensino Fundamental**, s.d. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/767/Machado\\_Daiana\\_de\\_Avila.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/767/Machado_Daiana_de_Avila.pdf?sequence=1). Acesso em 16 de Jun. 2018.

MAIA, Aline Silva Corrêa. **O telejornalismo no Brasil na Atualidade: em busca do Telespectador**. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0839-1.pdf>. Acesso em 25 de Out. 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: Dionísio, A. P, et al. (Org). **Gêneros & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.19-36.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAN, J.M.; MASETTO, M.T. BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2001.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2ª ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

SILVA, J.A.D. **Cooprodução de notícias na TV: O telejornal construindo a realidade e a sociedade construindo o telejornal**. Dissertação de Mestrado (Dissertação em Comunicação) – UFP. Recife, p. 22-43.

SILVA, C.C.; PORTO D.P, MEDEIROS W.A. **A teoria vygotskyana e a utilização das novas tecnologias no ensino aprendizagem: uma reflexão sobre o uso do celular**. Disponível em: <http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/04/a-teoria-vygotskyana-e-a-utiliza%C3%A7%C3%A3o-das-novas-tecnologias-no-ensino-aprendizagem-uma-reflex%C3%A3o-sobre-o-uso-do-celular.pdf>. Acesso em 16 de Jun. 2018.

SQUIRRA, Sebastião. **Telejornalismo: produção e técnica**. 2ª ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1990.

THIOLLENT, Michel Jean Marie. **Metodologia de Pesquisa-Ação**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1985.

VISEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. In: VIZEU, Alfredo. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

## APÊNDICE – (TERMO DE CONSENTIMENTO)

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**  
**Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação**  
**Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu***

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) Aline Henrique Ferraz dos Santos, aluno(a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação – Pós-Graduação *lato sensu*** promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Prof<sup>a</sup> Dra. Cláudia Zank, realizará a investigação “**O Telejornal escolar como ferramenta para o desenvolvimento da Exposição Oral de alunos do Ensino Fundamental**”, junto aos alunos da turma 7A regularmente matriculados numa escola pública localizada na cidade de Porto Alegre/RS, no período de 16 de outubro a 27 de novembro. O objetivo desta pesquisa é analisar como a construção de um telejornal, nas aulas de língua portuguesa, pode contribuir para o desenvolvimento da expressão oral em alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização de atividades de leitura, de escrita e apresentações orais que poderão ser fotografadas e/ou gravadas. Além disso, conforme necessidades da pesquisa, poderão ocorrer entrevistas e questionários que comporão a investigação.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51)98256-7108 ou por e-mail – [alineferraz7@gmail.com](mailto:alineferraz7@gmail.com).

.....

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU \_\_\_\_\_, inscrito sob o no. de R.G.  
\_\_\_\_\_,

Concordo em participar esta pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(s) responsável(is)

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

## ANEXO A &lt;ROTEIRO DO TELEJORNAL&gt;

# JORNAL DUQUE NEWS

**APRESENTADOR 1: BOM DIA!**

**APRESENTADOR 2: BOM DIA!**

**APRESENTADOR 1: ESTÁ NO AR DUQUE NEWS**

**APRESENTADOR 2: O JORNAL DA COMUNIDADE ESCOLAR**

**APRESENTADOR 1: VAMOS AOS NOSSOS DESTAQUES**

**APRESENTADOR 2: REFORMA DA ESCOLA DUQUE AVANÇA**

**APRESENTADOR 1: PESQUISA APONTA A PREFERÊNCIA DE ALUNOS E FUNCIONÁRIOS PARA GOVERNADOR E PRESIDENTE**

**APRESENTADOR 2: PROFISSIONAIS DA ESCOLA. NESTA SÉRIE ENTREVISTAREMOS PESSOAS IMPORTANTES QUE FAZEM A ESCOLA FUNCIONAR.**

**APRESENTADOR 1: MÃES DA ESCOLA DUQUE ORGANIZAM BRECHÓ PARA REFORMA DE SALAS DE AULA**

**APRESENTADOR 2: ESSE E OUTROS DESTAQUES, AGORA NO DUQUE NEWS.**

**APRESENTADOR 1: COMEÇAMOS DESTACANDO A PESQUISA PARA GOVERNADOR E PRESIDENTE, REALIZADA NA ESCOLA DUQUE. PARA MAIS DETALHES CHAMAMOS AS REPORTERES (NOME DO REPÓRTER) E (NOME DO REPÓRTER).**

**(NOME DO REPÓRTER): OLÁ APRESENTADOR 1, BOM DIA! É ISSO MESMO FOI SURPREENDENTE O RESULTADO DA PESQUISA.**

**(NOME DO REPÓRTER): FORAM ENTREVISTADOS VÁRIOS ALUNOS E FUNCIONÁRIOS.**

**(NOME DO REPÓRTER): NOSSO GRÁFICO APONTA A VITÓRIA DE EDUARDO LEITO COM A MAIORIA DOS VOTOS PARA GOVERNADOR E PARA PRESIDENTE BOLSONARO TAMBÉM GANHOU COM A MAIORIA DOS VOTOS.**

**(NOME DO REPÓRTER): ESSE RESULTADO FOI CONFIRMADO NAS URNAS NESTE DOMINGO, 28 DE OUTUBRO.**

**(NOME DO REPÓRTER): É COM VOCÊ APRESENTADOR 2.**

**APRESENTADOR 2: OBRIGADO PELAS INFORMAÇÕES. AGORA O ASSUNTO É REFORMA. A PROFESSORA (NOME DO ENTREVISTADO) FOI ENTREVISTADO PELO REPORTER (NOME DO REPÓRTER). E O ASSUNTO COMO NÃO PODERIA DEIXAR DE SER É A REFORMA DA ESCOLA. VAMOS DIRETAMENTE PARA GABINETE (NOME DO ENTREVISTADO) COM MAIS INFORMAÇÕES.**

**REPÓRTER: É ISSO MESMO APRESENTADOR 2.**

**ESTAMOS DIRETAMENTE DO GABINETE (NOME DO ENTREVISTADO) PARA FALAR DE UM ASSUNTO QUE INTERESSA A TODOS: A REFORMA DA ESCOLA.**

**(NOME DO ENTREVISTADO): O QUE ESTÁ SENDO REFORMADO NA ESCOLA?**

**EXISTE ALGUMA PREVISÃO PARA TERMINAR A REFORMA?**

**COMO (NOME DO ENTREVISTADO) TEM ADMINISTRADO A ESCOLA NESSAS CONDIÇÕES?**

**O QUE (NOME DO ENTREVISTADO) ACONSELHA A OUTRAS (...) QUE PASSAM PELA MESMA SITUAÇÃO?**

**OBRIGADO. É COM VOCÊS NO ESTÚDIO: APRESENTADOR 2 E APRESENTADOR 1.**

**APRESENTADOR 1: VAMOS FALAR AGORA DE NUTRIÇÃO.SABEMOS QUE A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL É FUNDAMENTAL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA. NOSSOS REPORTERES ENTREVISTARAM A FUNCIONÁRIA (NOME DO ENTREVISTADO), COORDENADORA DE TODA A PREPARAÇÃO DA MERENDA. VAMOS COM NOSSO REPÓRTER (NOME DO REPÓRTER).**

**REPÓRTER: ESTAMOS AQUI NO REFEITÓRIO DA ESCOLA COM A FUNCIONÁRIA (NOME DO ENTREVISTADO)**

**(NOME DO ENTREVISTADO): COMO SÃO PREPARADAS AS REFEIÇÕES PARA OS ALUNOS?**

**VOCÊ GOSTA DE TRABALHAR COM ALIMENTOS?**

**QUAIS ALIMENTOS SAUDÁVEIS A ESCOLA OFERECE PARA OS ALUNOS?**

**OBRIGADO(A)**

**É COM VOCÊ APRESENTADOR 2.**

**O ASSUNTO AGORA SÃO OS PROFISSIONAIS ESSENCIAIS PARA A ESCOLA. E AÍ ENTRA O SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO ESCOLAR. ENTREVISTAMOS A**

**FUNCIONÁRIA (NOME DO ENTREVISTADO), ORIENTADORA, PARA SABER UM POUCO MAIS SOBRE COMO É LIDAR COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR. VAMOS DIRETAMENTE COM O REPÓRTER (NOME DO REPÓRTER).**

**ESTAMOS AQUI COM A ORIENTADORA (NOME DO ENTREVISTADO) INTERESSADOS EM SABER MAIS SOBRE ESSA PROFISSÃO.**

**SRA. (NOME DO ENTREVISTADO): O QUE A ORIENTADORA ESCOLAR FAZ? POR QUE VOCÊ ESCOLHEU ESSA PROFISSÃO?**

**QUAL FOI A EXPERIÊNCIA MAIS FELIZ QUE VOCÊ VIVEU AQUI NO DUQUE? SABEMOS QUE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA TAMBÉM É MUITO IMPORTANTE. QUAL RECADO VOCÊ GOSTARIA DE DAR ÀS FAMÍLIAS DOS ALUNOS?**

**OBRIGADO(A) (NOME DO ENTREVISTADO). É COM VOCÊ APRESENTADOR 1. APRESENTADOR 1: VAMOS À NOSSA REPORTAGEM ESPECIAL.**

**UM CONJUNTO DE MÃES JÁ TRABALHA HÁ VÁRIOS ANOS NA TAREFA DE REFORMAR AS SALAS.**

**APRESENTADOR 2: ELAS MANTÉM UM BRECHÓ PERMANENTE E VAMOS CONHECER UM POUCO DESSE TRABALHO COM O REPÓRTER (NOME DO REPÓRTER).**

**(NOME DO REPÓRTER): COMO INICIOU ESSA IDEIA DE AJUDAR NA REFORMA DAS SALAS?**

**QUEM SÃO AS MÃES QUE AJUDAM NESSE TRABALHO?**

**O QUE JÁ FOI FEITO DE REFORMAS NA ESCOLA?**

**COMO FUNCIONA O BRECHÓ E COMO A COMUNIDADE ESCOLAR PODE COLABORAR NESSE TRABALHO?**

**OBRIGADO! VOLTAMOS AO ESTÚDIO COM APRESENTADOR 1 E APRESENTADOR 2.**

**APRESENTADOR 1: AGORA VAMOS FALAR DE SAÚDE.**

**QUAL A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES FÍSICAS PARA OS JOVENS. O (NOME DO REPÓRTER): ENTREVISTOU COM EXCLUSIVIDADE A PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (NOME DO ENTREVISTADO), ESPECIALISTA NA ÁREA. VAMOS ACOMPANHAR ESSE MOMENTO.**

**RICARDO: PROFESSORA (NOME DO ENTREVISTADO), QUAL A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA PARA OS JOVENS.**

**QUAIS ESPORTES SÃO OS PREFERIDOS DOS ADOLESCENTES?**

**O QUE A SRA ACONSELHA PARA OS JOVENS QUE IRÃO INICIAR UMA PRÁTICA ESPORTIVA?**

**OBRIGADO! É COM VOCÊ APRESENTADOR 2.**

**APRESENTADOR 2: ESSES FORAM OS NOSSOS DESTAQUES DE HOJE.**

**APRESENTADOR 1: O JORNAL DUQUE NEWS TERMINA AQUI. TENHAM TODOS UM BOM DIA.**

**APRESENTADOR 2: UM BOM DIA E UMA ÓTIMA SEMANA.**